

# ANTROPOLOGIA DOS ARTEFACTOS. OBJETOS E CULTURA MATERIAL NA HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA PORTUGUESA.

JOÃO LEAL

## RESUMO

Os estudos de cultura material ganharam grande protagonismo na antropologia. Trata-se em grande medida de um desenvolvimento novo. Mas tal não significa que a materialidade da vida social não tenha sido antes objeto de tematizações antropológicas. De facto, no âmbito dos estudos sobre culturas populares europeias do pós-II Guerra Mundial, o estudo das expressões materiais da “vida popular” ganhou particular relevância. Recorrendo ao caso português, este artigo procura compreender as raízes desse interesse pelos objetos do “popular”. Separando aquilo que nesse interesse está datado e aquilo que parece ter resistido à usura do tempo, tenta também mostrar de que modo alguns dos contributos dessa etnografia “materialista” se podem entrelaçar com discussões contemporânea sobre a “vida social dos objetos”.

## PALAVRAS-CHAVE

Antropologia; cultura material; objetos; Jorge Dias

## ABSTRACT

Studies on material culture constitute a major development in contemporary anthropology. That does not mean that the materiality of social life has not been previously thematized in anthropology. Thus, after WWII, the study of material expressions of rural communities was a major trend in the development of European ethnology. Through the analysis of the Portuguese case, the aim of this paper is to understand the roots of this interest on folk objects. The paper also tries to sort out what can be viewed as outdated in those studies and what can be inspiring for contemporary understandings of the “social life of objects”.

## KEYWORDS

Anthropology; material culture; objects; Jorge Dias.

1 . Agradeço aos participantes nas “Conferências CIAUD | Projeto e Ciências Sociais” (2022) os comentários e sugestões a uma versão preliminar deste artigo. Agradeço ao Dr. Paulo Costa – diretor do Museu Nacional de Etnologia – a autorização para reproduzir as “fichas de arquivo” do Arquivo Etno-Fotográfico do Centro de Estudos de Etnologia e à Dra. Mariana Coreia a ajuda na sua seleção.

## INTRODUÇÃO

A antropologia contemporânea é uma antropologia hiperespecializada<sup>1</sup>. Um tal facto contrasta com o que sucedia no período moderno (1920-1980), em que a organização interna da disciplina assentava em quatro ou cinco grandes divisões temáticas e em cinco ou seis especializações regionais. Simples, essa organização interna da disciplina encorajava algum tipo de trânsito quer entre divisões temáticas quer entre especializações regionais. Hoje a situação é diferente: o crescimento da disciplina nas últimas duas décadas fez-se acompanhar de uma explosão de especialidades entre as quais a circulação é difícil ou mesmo impossível e a disciplina perdeu o “ar familiar” que tinha entre 1920 e 1980. Ganhamos algumas coisas com este novo estado de coisas. Sabemos mais sobre mais coisas em mais lugares. Mas são também evidentes os riscos de uma tal hiperespecialização que se confunde excessivas vezes com o enclausuramento. Seja como for – com vantagens, mas também com riscos – a antropologia assenta hoje num conjunto diversificado e numeroso de especializações, umas mais obscuras, outras mais vistosas.

Entre as mais vistosas encontra-se a cultura material, ou se se preferir, os estudos de cultura material. Com origens que remontam ao famoso livro de Arjun Appadurai (1986) sobre “a vida social dos objetos”, os atuais estudos de cultura material têm hoje em Daniel Miller uma das suas principais figuras (e.g. Miller 1987, 2005). Mas muitos outros antropólogos inscrevem-se igualmente nesta área: Anette Weiner (1992) Robert Foster (2002) ou James Carrier (1994), para citar apenas alguns com cujo trabalho me encontro mais familiarizado. Este interesse da antropologia pela materialidade da vida cultural e social é também um interesse interdisciplinar: Baudrillard (1968), McCracken (1988) e, mais recentemente, Bruno Latour (2005) são, entre outros, autores com quem os antropólogos dialogam. É finalmente, um interesse que, também em Portugal, tem repercutido em estudos e análises da cultura material e do consumo (e.g. Duarte, 2009; Rosales, 2016; Silvano, 2021; 2022).

Encarada a partir destes e doutros autores, a cultura material é um campo marcado por uma grande diversidade de interesses: tanto os objetos estudados como os olhares que pousam sobre eles são diferenciados. Um dos pontos principais de convergência entre os antropólogos que têm trabalhado nesta área é de qualquer forma a ênfase em objetos produzidos industrialmente e nos processos ligados à sua apropriação por intermédio do consumo. O carácter criativo desses processos, a maneira como a partir deles se constroem percursos identitários, o *embedment* entre o material, o cultural e o social são outros pontos de convergência entre autores.

Muitos destes pontos correspondem a novos desenvolvimentos. Estudar os objetos desta maneira é pôr em causa a divisão entre *the west and the rest* (o ocidente e o resto) sobre a qual assentava a antropologia moderna. É também questionar o desdobramento dessa oposição na oposição entre mercadoria – assignada ao “ocidente” – e dádiva – característica do “resto”.

Mas são talvez excessivas as reclamações que fazem desta área um desenvolvimento absolutamente novo na antropologia. Antes do advento dos estudos de cultura material, existia em antropologia uma forte tradição de museologia etnográfica centrada em objetos. Não são, entretanto, esses precedentes museográficos que eu queria aqui visitar. O ponto que eu gostava de desenvolver é o modo como esse interesse pela materialidade

da cultura pode também encontrar-se historicamente num campo de estudos que se desenvolveu entre finais do século XIX e prosseguiu até à segunda metade do século XX, centrado no estudo das culturas populares europeias de matriz rural e que foi sendo variavelmente designado por etnografia, etnologia ou antropologia. Fá-lo-ei tendo como ponto de referência Portugal e a história das disciplinas etnográficas em Portugal (Leal, 2000).

### **A ANTROPOLOGIA PORTUGUESA E A CULTURA MATERIAL**

Esse campo de estudos nasce em Portugal em finais do século XIX sob o signo do que hoje poderíamos chamar de “património [cultural] imaterial”. É verdade que o programa inicial da etnografia portuguesa era um programa ambicioso, compreendendo o estudo de todas as expressões da vida popular. Pese embora essa ambição, devido às raízes da etnografia no movimento romântico oitocentista, os primeiros estudiosos das culturas populares vão-se fixar no estudo do romanceiro e do cancionero, dos contos populares e das festas, isto é, no estudo do que era então chamado de literatura e tradições populares. É este o caso autores como Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos ou Consiglieri Pedroso.

Mas, à medida que a viragem do século XIX para o XX se aproxima, multiplicam-se os apelos no sentido da adoção de uma visão mais ampla do estudo do viver popular, particularmente evidentes em Adolfo Coelho (e.g. 1890). No caso português os primeiros estudos a fazerem essa passagem do imaterial para o material – da autoria de Rocha Peixoto (1990) – têm lugar nesse período e abrangem temas como a arquitetura popular, as tecnologias tradicionais (por exemplo, a olaria ou a iluminação popular) ou a arte popular (por exemplo, as filigranas ou os ex-votos). Mais tarde, nas primeiras décadas do século XX – em particular durante os anos da I República – esse interesse pela arte popular – colocado sob o signo de uma estética nacionalista do viver popular – vai ganhar novas expressões e tornar-se-á mesmo no centro da etnografia portuguesa da época, em particular na obra de Vergílio Correia, que, antes da sua viragem para a arqueologia, escreverá abundantemente sobre o que ele próprio intitulava de “etnografia artística” (e.g. Correia, 1916).

Mas será sobretudo a partir dos anos 1940 com António Jorge Dias – a grande figura da antropologia portuguesa do século XX – que o estudo da cultura material se instalará duradouramente na antropologia portuguesa. Nascido em 1907 e falecido em 1973, Jorge Dias foi o primeiro antropólogo português doutorado em etnologia – grau que obteve na Alemanha em 1943 – e reuniu em torno de si uma equipa de investigadores – composta, entre outros, por Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano, Benjamim Pereira e Margot Dias – que, entre 1940 e 1970, produziu um conjunto muito extenso de trabalhos sobre a cultura popular portuguesa.

O programa daquilo a que nós hoje chamamos “a equipa de Jorge Dias” era um programa tematicamente diversificado. Jorge Dias introduziu em Portugal os “estudos de comunidade” – que conduziu em Vilarinho da Furna (Dias, 1948a) e em Rio de Onor (Dias, 1953) – escreveu vários estudos de conjunto sobre a cultura portuguesa – com destaque para o famoso ensaio “Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa” (1990 [1953]) –, e tanto ele como os seus discípulos se interessaram por festas e rituais (e.g. Dias e Dias, 1950; Pereira 1973; Veiga de Oliveira, 1984).

Mas o ponto nodal do programa antropológico da equipa que Jorge Dias reuniu em seu redor era o estudo da cultura material, ou, para ser mais exato, das culturas materiais do Portugal rural – que constituía então a maioria do país. O sinal de partida foi dado pela publicação de *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens* (1948b), da autoria de Jorge Dias. Nesta obra, baseada num levantamento conduzido à escala nacional, Dias distinguiu três grandes tipos de arados, que correlacionou, por um lado, com a célebre visão tripartida do país – Portugal Mediterrânico, Portugal Atlântico, Portugal Transmontano – proposta pelo geógrafo Orlando Ribeiro e, por outro lado, com as distintas origens étnicas dessas três grandes regiões: lusitanas, no caso do Portugal Transmontano, suevas no caso do Portugal Atlântico e romanas e árabes no caso do Portugal Mediterrânico.

Na sequência deste seu primeiro estudo, Jorge Dias e os seus colaboradores irão desenvolver um projeto de levantamento sistemático das tecnologias tradicionais portuguesas, que dará origem a um conjunto de mais de uma dezena de monografias, recobrando domínios como os aparelhos de elevar água da rega, os moinhos e azenhas, os sistemas de armazenagem e secagem dos cereais – com destaque para os espigueiros – os sistemas de atrelagem de bois, as atividades agro-marítimas, a alfaia agrícola ou a tecnologia tradicional do linho. A esses objetos a equipa de Jorge Dias acrescentou outros, menos tecnológicos: a arquitetura popular, os instrumentos musicais populares, ou as máscaras associadas às festas dos Rapazes e de Santo Estêvão no nordeste de Portugal.

Neste novo curso – marcado pelos objetos e pela materialidade – que a antropologia portuguesa tomou entre 1940 e 1970 intervieram vários fatores. O primeiro tem a ver com a formação alemã de Jorge Dias, um país onde o interesse pela cultura material era – pelo menos desde inícios do século XX, designadamente por intermédio da escola *Worten und Sachen* (“Palavras e Coisas”) – muito forte. A centralidade dos atlas etnográficos – centrados designadamente em aspetos da cultura material – na etnologia europeia do pós-guerra – com a qual Dias manteve, em particular durante os anos 1950, uma forte ligação – é também de grande importância. Mas para além destes fatores, que sugerem a importância das conexões internacionais de Jorge Dias, outros fatores – endógenos – explicam também a sua atração – e a dos restantes membros da sua equipa – pela cultura material. Um deles tem a ver com a natureza de “etnografia de emergência” do empreendimento antropológico da equipa de Jorge Dias. Dias e os seus colaboradores estavam convencidos – no que tinham uma certa razão – que o mundo rural que procuravam documentar estava em acelerada transformação e que as rotinas do trabalho rural seriam as mais afetadas por essa transformação dos campos. O seu objetivo era fixar esse mundo antes do seu desaparecimento. Existindo já na etnografia portuguesa inúmeros estudos sobre literatura e tradições populares e sobre arte popular, concentraram-se em áreas – como as tecnologias tradicionais e a arquitetura popular – onde o deficit de informação era maior.

Mais tarde, a partir dos anos 1960, a fundação do Museu de Etnologia do Ultramar (hoje Museu Nacional de Etnologia) deu um novo fôlego a esse interesse pela cultura material. Apesar da sua designação inicial enfatizar o seu lado “ultramarino”, o Museu reunia igualmente coleções relativas ao mundo rural da então chamada “metrópole”. Com a sua criação, não se tratava só de documentar, desenhar e fotografar, tratava-se também de musealizar o modo de vida camponês tal como ele podia ser restituído através dos seus objetos.

### JORGE DIAS NO PAÍS DAS COISAS ARCAICAS

Tendo originado um trabalho muito abrangente de levantamento, documentação e pesquisa da cultura material portuguesa de matriz rural, o interesse da equipa de Jorge Dias pela cultura material é um interesse – dir-se-ia – datado.

Desde logo porque o mundo que Jorge Dias e os seus colaboradores levantaram, documentaram e pesquisaram era um mundo que realmente estava a acabar e, nesse sentido, a sua pesquisa é de facto irrepetível. Mas também por outras razões, ligadas à própria visão da antropologia de Dias e da sua equipa. Não é, por exemplo, nossa a preocupação – que era a de Jorge Dias – de construção de uma genealogia étnica para os objetos da cultura popular, que os olhava – como em *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens* (Dias, 1948b) ou em *Os Espigueiros Portugueses* (Dias, Oliveira e Galhano, 1963) – como uma espécie de vestígios arqueológicos dos estratos étnicos mais recuados da nação. Também não nos reconhecemos na indiferença de Dias e da sua equipa em relação a objetos que não cabiam nas categorias de autenticidade e arcaísmo. A etnografia de Dias e da sua equipa era uma etnografia de arados e trilhos (Oliveira, Galhano e Pereira 1976) mas não de tratores (que só vieram a ser estudados mais tarde por Jorge de Freitas Branco [2003]). Era uma etnografia de tamborins e violas da terra (Oliveira, 1966), mas não de acordeões ou da rádio, objetos que, entretanto, também povoavam a paisagem sonora dos camponeses. Era uma etnografia do linho (Oliveira, Galhano e Pereira, 1978), mas ignorava o crochet ou a máquina de costura. Era uma etnografia de abrigos pastoris na montanha (Oliveira, Galhano e Pereira, 1969), mas não de casas de imigrantes (que só nos anos 1970 viriam a ser estudadas por antropólogos e arquitetos). Era uma etnografia que privilegiava o supostamente arcaico sobre o contemporâneo. Deu-nos uma imagem certa e comovida de um país que ainda existia, mas não nos indicou como e em que direções esse mesmo país estava a mudar.

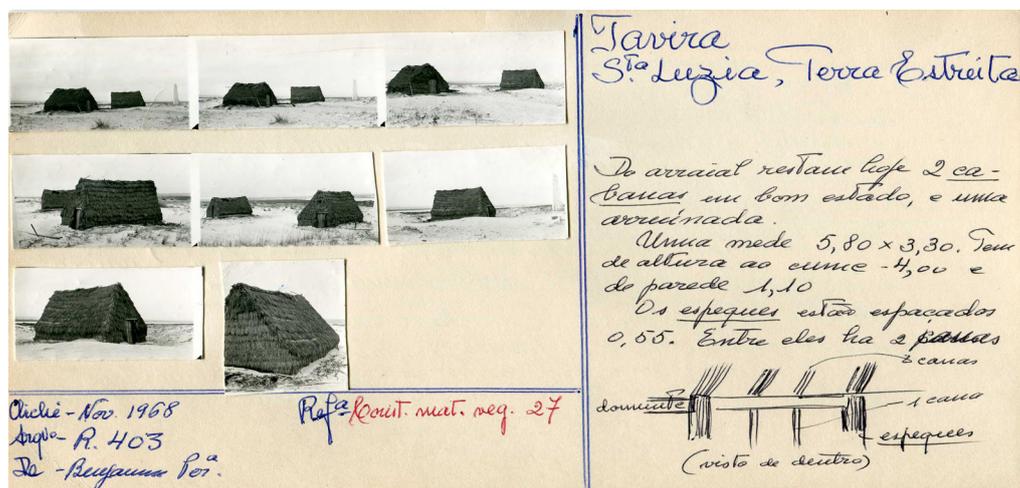
### MINÚCIA, MATERIALIDADE, ELOQUÊNCIA

O trabalho de Jorge Dias e da sua equipa parece pois distante das nossas preocupações quando falamos, hoje, de culturas materiais. Ou pelo menos assim parece. Não é que não haja certamente algo de datado neste interesse da antropologia portuguesa – e de um modo mais abrangente – da antropologia europeia pela cultura material. Mas há também algo que podemos aprender com ela.

Há de facto nela três aspetos que continuam a ser inspiradores. A minúcia é o primeiro. Os objetos de Jorge Dias eram objetos minuciosos. Há um romancista francês – Georges Perec (1989 [1975]) – que povoa os seus romances de circunstanciadas descrições das paisagens físicas em que se movem os seus personagens: uma parede, a sua cor, o estado da pintura, as manchas de humidade, as infiltrações de água no canto superior direito, as gravuras nas paredes, o conteúdo detalhado do que cada uma delas contém; depois, as outras paredes, descritas com o mesmo cuidado; e assim sucessivamente: as mesas, o número de pernas, a cor da madeira, o seu toque, os riscos no tampo, as cadeiras uma a uma, a pequena mesinha num dos cantos onde repousa um copo, etc.

O trabalho da equipa de Jorge Dias com os objetos tem a mesma minúcia descritiva, como é evidente por exemplo nas *Construções Primitivas em Portugal* (Oliveira, Galhano e Pereira, 1969). O livro é uma descrição sensível de várias construções – cabanas de pescadores, abrigos pastoris, barcos de avieiros – que têm na precariedade o seu denominador

FIGURA 1 - Cabanas (Tavira). Ficha de Arquivo. Arquivo Etno-Fotográfico do Centro de Estudos de Etnologia. Museu Nacional de Etnologia..



comum. E aquilo que nele avulta é essa minúcia descritiva que faz com que o livro possa ser hoje utilizado como uma espécie de manual de autoconstrução de um abrigo em pedra ou de uma cabana na praia. Gostaria de dar um exemplo extraído da descrição de uma cabana de pescadores do Algarve:

a cabana começa a revestir-se a partir do fundo das paredes. A primeira fiada é colocada com o couce para baixo, ligeiramente mergulhada num rego aberto na areia, e disposta em pequenas manadas seguidas, encostadas a quatro ripas, e cozidas a ponto à terceira ripa a contar de baixo, ou, noutros casos, à primeira, igualmente a partir de baixo. As fiadas seguintes, nas paredes e na cobertura, são dispostas com o couce para cima, batendo-se previamente cada manada no solo ou sobre a perna, obliquamente, de modo a que os couces acertem perfeitamente (...), disfarçando assim os degraus das fiadas, no interior das cabanas (Oliveira, Galhano e Pereira, 1988 [1969], pp. 195-196).

Para quem julgue que isto é apenas antropologia das técnicas – que também é – vale a pena lembrar uma outra passagem do mesmo livro, ainda sobre as mesmas cabanas:

O arranjo interior destas cabanas é extremamente cuidado. As divisórias são geralmente recobertas por capas de revistas com vedetas cinematográficas, calendários, cartazes publicitários, fotografias, etc. A pobreza e o incharacterístico do mobiliário são atenuados pela disposição de toalhas e panos bordados, quadros com retratos de família e outros, jarras de flores, etc. (Oliveira, Galhano e Pereira, 1988 [1969], p. 198).

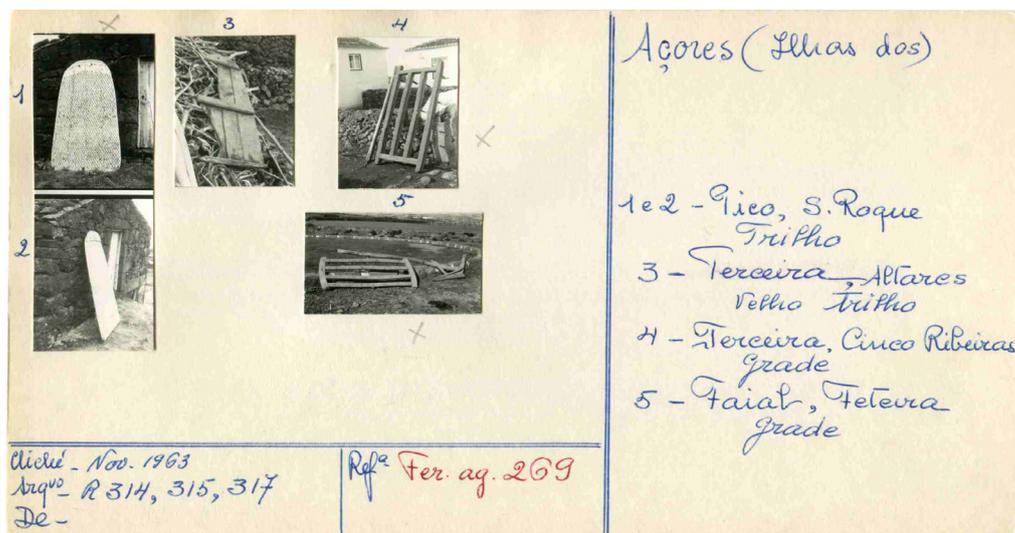
Esta minúcia reencontra-se um pouco por toda a obra de Jorge Dias e dos seus colegas. Os seus objetos são minuciosos. São objetos observados de perto e devagar, como – para dar mais um exemplo – as sanfonas, cujo método de afinação é assim detalhadamente descrito por Ernesto Veiga de Oliveira:

Uma das operações mais delicadas, concernente à sanfona, é a sua afinação, que se obtém, após afinadas as cordas soltas, pela gradação da torção dos tempereiros, depois de previamente se terem, por um dispositivo especial (...) afastado da roda os bordões. Na execução, a grande dificuldade está menos na dedilhação do que no manejo da manivela. Esta segura-se entre o polegar, o indicador e o médio da mão direita, sem contudo se apertar, de modo a que o cabo possa girar, solto, mas firme, contra a palma da mão fechada (Oliveira, 1966, p. 163).

Mais uma vez – como no caso das construções primitivas – a minúcia é de tal ordem que aproxima os escritos de Jorge Dias e dos seus colaboradores de géneros textuais como a “memória descritiva”, o “manual do utilizador” ou a “bula” dos medicamentos.

Essa minúcia é indissociável de uma outra característica desta etnografia das culturas materiais praticada por Dias e pelos seus colegas: a sua capacidade de restituir a materialidade mesma dos objetos, ou, se quisermos, a sua espessura material. Isso é evidente nas citações anteriores. Mas é particularmente visível na descrição dos objetos ligados

FIGURA 2 - Trilhos (Açores). Ficha de Arquivo. Arquivo Etno-Fotográfico do Centro de Estudos de Etnologia. Museu Nacional de Etnologia..



às tecnologias tradicionais, onde é o resultado de dois fatores conjugados. Por um lado, o peso do desenho etnográfico – a cargo de Fernando Galhano – na produção de Jorge Dias e da sua equipa, que nos deixa ver – de forma mais eficaz que a fotografia – a materialidade mesma dos objetos: a sua tridimensionalidade, as suas texturas, as suas proporções, as suas exatas medidas. Mas prende-se também com o facto de um dos membros da equipa de Jorge Dias – Benjamim Pereira – ter tido um passado camponês de operação direta com muitos desses objetos e ter um jeito especial para trabalhar com eles. Como ele próprio me afirmou em entrevista,

Eu devo dizer que eu tenho uma certa familiaridade com as fórmulas tecnológicas. Tenho! Tenho umas mãos que... Sou capaz de executar. Aliás, tudo aquilo que foi escrito nos nossos trabalhos, eu fiz. Por exemplo no linho, eu aprendi a urzir, aprendi a tecer. Tenho muito à vontade (Pereira in Leal, 2016, p. 327).

Por essas duas razões, é muito enfática a capacidade de restituir a materialidade dos objetos na etnografia da equipa de Jorge Dias. Veja-se, por exemplo, o caso da descrição de uma tábua de debulhar em São Miguel (Açores):

uma pedra de basalto, de contorno geral retangular, espalmada, de faces paralelas, com a superior afeiçoada de modo a apresentar saliências sensivelmente semi-esféricas dispostas em linha. As espigas são esfregadas contra essas saliências, até o grão se desfazer do carolo (Oliveira e Pereira, 1987, p. 38).

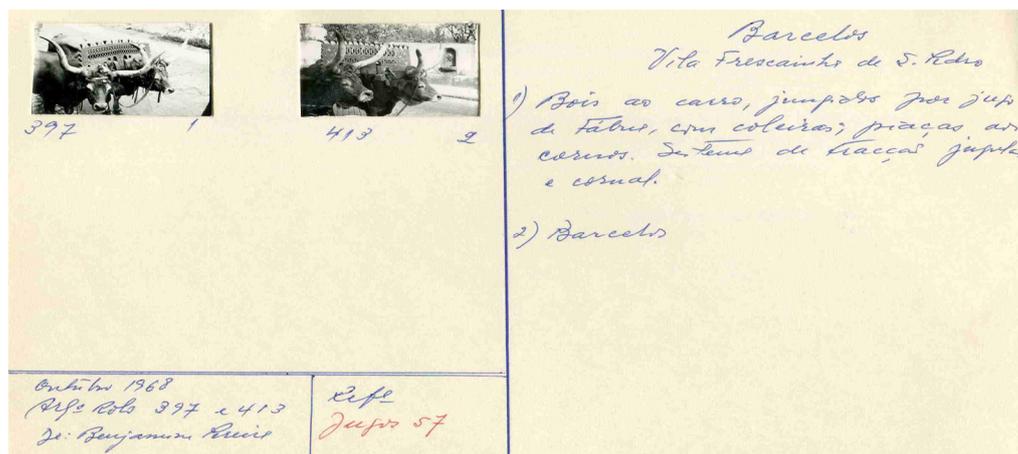
Acompanhada de um desenho, esta descrição além de minuciosa, tem essa capacidade de restituir a espessura material do objeto: o modo como é feito, o seu aspeto e as suas rugosidades, o seu modo de produção.

Um outro exemplo dessa ênfase na materialidade, retirado de *Arquitetura Tradicional em Portugal* (Oliveira, 1992) reporta-se a uma casa rural nos arredores do Porto (em Barranha)

A construção é sólida e de bons materiais; as paredes, de granito, são duplas, do sistema de pedras de face, ou *silhares*, travados com *juntouros*, recobertas exteriormente com argamassa, caiadas de branco. Nas aberturas, as padieiras são igualmente duplas, compostas de padieira e contrapadieira. O telhado é (...) a quatro águas, com o prolongamento numa delas a recobrir o patim; a cobertura assenta em barrotes e o cume apoia-se em tesouras, com as suas traves de *linha* ou *terças*, e *trave de tesoura*, ou *asna* (Oliveira, 1992, p. 55)

Minúcia e materialidade são, pois, dois traços importantes da etnografia da cultura material praticadas pela equipa de Jorge Dias. A estes dois traços soma-se um terceiro. A capacidade que os seus trabalhos têm de situar os objetos na sua relação com as pessoas, os grupos e as sociabilidades. O livro *Atividades Agro-Marítimas em Portugal* (Oliveira,

FIGURA 3 - Jugos  
(Barcelos).  
Ficha de Arquivo.  
Arquivo Etno-  
Fotográfico do  
Centro de Estudos  
de Etnologia.  
Museu Nacional de  
Etnologia.



Galhano e Pereira, 1975) pode servir de exemplo. Consagrado à descrição das tecnologias de apanha do sargaço no norte de Portugal, o livro, antes de passar aos objetos propriamente ditos, fala detalhadamente das pessoas e dos grupos, como trabalhavam e como sociabilizavam, o papel dos homens do mar e dos pescadores, as relações sociais entre estes e os lavradores, o modo como em certos locais a atividade era desenvolvida predominantemente por mulheres, as concepções de género que lhes estavam associadas:

o homem dedica-se à apanha das algas apenas de bordo dos seus barcos; ele consideraria deprimente para um homem do mar a apanha a pé, fora ou dentro de água (...). As suas mulheres, contudo, apanham o sargaço a pé, na beirada ou nos rochedos, fora ou dentro de água; o brio da profissão não as abrange (Oliveira, Galhano e Pereira, 1975, p. 46).

Um outro exemplo dessa capacidade de situar socialmente os objetos encontra-se na monografia *Sistemas de Atragem dos Bois em Portugal* (Oliveira, Galhano e Pereira, 1973). Aí, ao debruçarem-se sobre os jugos ornamentados do Minho, Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamin Pereira situam a sua origem em mutações económicas e sociais ocorridas no século XIX que permitiram o desenvolvimento de “uma espécie de burguesia rural, ligada à terra (...) [e] de uma classe de lavradores abastados” (Oliveira, Galhano e Pereira 1973: 84) que exibia, através dos jugos ornamentados, a sua riqueza: “os lavradores ricos (...) eram pessoas vivendo largamente, orgulhosas da sua abastança e gostando de a exhibir, por um sentimento de grandeza pessoal e um gosto natural de provocar a emulação dos seus iguais” (Oliveira, Galhano e Pereira, 1973, p. 84). E acrescentam:

é esse precisamente o caso dos jugos altos e recobertos de ornamentos que aqui nos ocupam: uma bela junta de bois, assim jungida, é na verdade um espetáculo imponente e empolgante, expressão perfeita do orgulho do seu possuidor (Oliveira, Galhano e Pereira, 1973, p. 86).

Em torno dos objetos são, pois, as teias sociais e as concepções culturais que se formam em seu torno que são tematizadas. Appadurai (1986) falou da “vida social dos objetos”. Talvez se possa falar, neste caso, da eloquência social (e cultural) dos objetos. Eles são não tanto um ponto de chegada que vale por si, mas um ponto de partida para traçar um quadro do modo de vida rural: dos seus atores e redes sociais, da articulação mútua de objetos, trabalho, sociabilidades e paisagens sobre o qual ele repousa.

## CONCLUSÃO

Estes três aspetos do trabalho de Jorge Dias e da sua equipa – minúcia, sentido da materialidade, eloquência social – são a meu ver qualquer coisa que faz com que as suas pesquisas possam ser revisitadas a partir das nossas preocupações contemporâneas com a materialidade da vida social. Estudamos hoje outros objetos e estudamo-los de outra

maneira. Também nos afastámos das preocupações e linhas de análise de Jorge Dias – que eram as da etnologia europeia da época – que indiquei em cima. Mas é bom guardarmos este triplo acento na minúcia, no sentido da materialidade e na eloquência social dos objetos.

É ele que encontramos em muitos dos mais interessantes estudos sobre cultural material e sobre objetos que marcam as ciências sociais e humanas contemporâneas. É da eloquência social dos objetos – ou mais radicalmente da sua agencialidade e do modo como eles se integram em coletivos que não se esgotam nos humanos – que falam Bruno Latour (2005) ou Alfred Gell (2010 [1997]). É a sua materialidade radical que é abordada no belíssimo estudo de Caroline Bynum (2011) intitulado *Christian Materiality*, centrado nas imagens sagradas da Alta Idade Media, com o seu acento nos poderes evocativos e religiosos da matéria mesma de que essas imagens eram feitas. Na mesma linha se insere a pesquisa de David Freedberg (1989) sobre o tema: mas, em vez de agencialidade – como Gell – é do “poder das imagens” religiosas – mais uma vez apoiada na sua materialidade – que o autor fala. Quanto à minúcia, o melhor exemplo que me ocorre – como ficou sugerido atrás – não é de nenhum cientista social, mas de um romancista, Georges Perec (1989 [1975]). Seja como for a minúcia é sempre o resultado final da boa etnografia: do seu modo de ver de perto e devagar, do modo como resiste à pressa e se atarda nas pessoas e nas coisas. É esse olhar – de perto e devagar, com as pessoas – que devemos continuar a lançar aos objetos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPADURAI, Arjun (1986), *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*, Cambridge: Cambridge University Press.
- BAUDRILLARD, Jean (1968), *Le Système des Objets*, Paris: Gallimard.
- BRANCO, Jorge Freitas (2003), *Máquinas nos Campos. Uma Visão Museológica*, Oeiras: Celta.
- BYNUM, Caroline (2011), *Christian Materiality: An Essay on Religion in Late Medieval Europe*, Brooklyn: Zone Books
- CARRIER, James (1994), *Gifts and Commodities: Exchange and Western Capitalism Since 1700*, London: Routledge.
- COELHO, F. Adolfo (1890), “Esboço de um Programa para o Estudo Antropológico, Patológico e Demográfico do Povo Português”, *Secção de Ciências Étnicas da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa: Tip. do Comércio de Portugal.
- CORREIA, Vergílio (1916), *Etnografia Artística: Notas de Etnografia Portuguesa e Italiana*, Porto: Renascença Portuguesa.
- DIAS, A. Jorge (1948a), *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária*, Porto: Instituto de Alta Cultura.
- DIAS, A. Jorge (1948b), *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens*, Porto: Instituto de Alta Cultura.
- DIAS, A. Jorge (1953), *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril*, Porto: Instituto de Alta Cultura.
- DIAS, A. Jorge (1990 [1953]), “Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa”, in J. Dias, *Estudos de Antropologia*, Vol. I, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 135-157.
- DIAS, A. Jorge; Oliveira, Ernesto Veiga de Oliveira; Galhano, Fernando Galhano (1963), *Sistemas Primitivos de Secagem e Armazenagem de Produtos Agrícolas. Os Espigueiros Portugueses*, Porto: Instituto de Alta Cultura.
- DIAS, A. Jorge; Dias, Margot Dias (1950), “A Encomendação das Almas”, in *Actas do XII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. 7ª Secção, Ciências Históricas e Filológicas*, T. VIII, Lisboa, pp. 593-664.
- DUARTE, Alice (2009), *Experiências de Consumo. Estudo de Caso no Interior da Classe Média*, Porto: Universidade do Porto.

- FOSTER**, Robert (1992), *Materializing the Nation. Commodities, Consumption and Media in Papua New Guinea*, Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press.
- FREEDBERG**, David (1989), *The Power of Images: Studies in the History and Theory of Response*, Chicago: University of Chicago Press
- GELL**, Alfred (2010 [1997]), *Art and Agency. An Anthropological Theory*, Oxford: Clarendon Press.
- LATOUR**, Bruno (2005), *Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network Theory*, Oxford: Oxford University Press.
- LEAL**, João (2000), *Etnografias Portuguesas (1870-1970). Cultura Popular e Identidade Nacional*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- LEAL**, João (2016), "Fernando Távora, Nuno Teotónio Pereira, Benjamim Pereira: Três Entrevistas sobre Inquéritos à Arquitectura Regional", in N. Faria (ed.), *Os Inquéritos (à Fotografia e ao Território)*, Guimarães: Plataforma das Artes e da Criatividade – A Oficina – Documenta, pp. 259-352.
- MCCRACKEN**, Grant (1988), *Culture and Consumption*, Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press.
- MILLER**, Daniel (1987), *Material Culture and Mass Consumption*, Oxford: Blackwell.
- MILLER**, Daniel (ed.) (2005), *Materiality*, Durham: Duke University Press.
- OLIVEIRA**, Ernesto Veiga de (1966), *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- OLIVEIRA**, Ernesto Veiga de (1984), *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- OLIVEIRA**, Ernesto Veiga de (1992), *Arquitetura Tradicional em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- OLIVEIRA**, Ernesto Veiga de; Pereira, Benjamim (1978), *Tecnologia Tradicional dos Açores*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- OLIVEIRA**, Ernesto Veiga de; Galhano, Fernando; Pereira, Benjamim (1973), *Sistema de Atrelagem de Bois em Portugal*, Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- OLIVEIRA**, Ernesto Veiga de; Galhano, Fernando; Pereira, Benjamim (1975), *Actividades Agro-Marítimas em Portugal*, Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- OLIVEIRA**, Ernesto Veiga de; Galhano, Fernando; Pereira, Benjamim (1976), *Alfaia Agrícola Portuguesa*, Lisboa: Instituto de Alta Cultura
- OLIVEIRA**, Ernesto Veiga de; Galhano, Fernando; Pereira, Benjamim (1978), *Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- OLIVEIRA**, Ernesto Veiga de; Galhano, Fernando; Pereira, Benjamim Pereira (1988 [1969]), *Construções Primitivas em Portugal*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- PEIXOTO**, Rocha (1990), *Obra Etnográfica Completa*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- PEREC**, Georges (1989 [1975]), *A Vida: Modo de Usar*, Lisboa: Presença (tradução de Pedro Tamen).
- PEREIRA**, Benjamim (1973), *Máscaras Portuguesas*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- ROSALES**, Marta (2016), *As Coisas da Casa. Cultura Material, Migrações e Memórias*, Lisboa: ICS.
- SILVANO**, Filomena (2021), *Antropologia da Moda*, Lisboa: Documenta.
- SILVANO**, Filomena (2022), *Antropologia da Vida Material. Escritos sobre Espaços, Coisa e Pessoas*, Lisboa: Documenta.
- WEINER**, Anette (1992), *Inalienable Possessions. The Paradox of Keeping-While-Giving*, Berkeley, University of California Press.